

Editorial

Perspetivas pedagógicas de dez membros de uma comunidade de práticas de formação de educadores de infância

AUGUSTO PINHEIRO

augusto.pinheiro@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

O presente número da revista Medi@ções tem uma característica muito particular que reside na autoria dos seus artigos. Todos os autores dos textos pertencem à comunidade de práticas de formação de educadores de infância da Escola Superior de Educação de Setúbal: oito educadores cooperantes e duas formadoras da ESE, uma das quais assumindo conjuntamente com o editor a coordenação do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Noutros termos, o número foi produzido inteiramente por dez membros desta comunidade de práticas de formadores de educadores de infância: três docentes da ESE que organizam e

acompanham estágios em contextos de creche e de jardim-de-infância e sete educadores cooperantes, que orientam esses estágios. Esta comunidade de práticas de formadores tem como referencial comum a pedagogia, e como finalidade partilhada, o desenvolvimento da ação e do pensamento pedagógicos, ou seja, o desenvolvimento desses saberes prático-teóricos que se meditam e que emergem sempre da ação, a qual precede e permite o conhecimento¹.

Esta orientação assumidamente pedagógica funda-se num conjunto de

¹ Meirieu, P. (1995). *La pédagogie entre le dire et le faire*. Paris : ESF.

posições epistemológicas cujos contornos devem desde logo ser referidos, de forma a clarificar o rumo seguido, o que equivale a reconhecer a inevitabilidade das breves considerações teórico-epistemológicas que se seguem. Dadas as características da cultura académica, tais considerações são incontornáveis para que o sentido deste número da Medi@ções possa ser compreendido.

Trata-se de delinear os contornos da perspetiva teórico-prática que reabilita o pensamento pedagógico, sem o qual, a prática pedagógica se adultera no *praticismo*, se dissolve no *pedagogismo* ou se perde na deriva *didacticista*, pondo em risco a sua identidade e permanecendo refém, quer das ciências da educação, quer da psicologia do desenvolvimento e das suas implicações pedagógicas, através da psicopedagogia.

Urge romper com a tutela dessas ciências no seio das quais proliferaram os estudos de cariz científico incidentes nas problemáticas da educação em geral, e mais precisamente, nas temáticas pedagógicas. Esses inúmeros trabalhos foram e são desenvolvidos segundo uma orientação teórico-prática e constituem-se como estudos *sobre* a educação.

Estas circunstâncias conduziram à ocultação gradual do discurso pedagógico e da própria pedagogia enquanto saber autónomo. Ao longo do século passado, sobretudo após os anos 60, a pedagogia perdeu progressivamente não só a sua especificidade, mas também a sua própria legitimidade. Esta perda progressiva de legitimidade institucional e académica da pedagogia é uma ironia, uma vez que são de facto as ciências da educação que se confrontam com sérios problemas de legitimidade epistemológica, enquanto a sua legitimidade institucional se mantém². Os problemas epistemológicos destas ciências são o resultado da tentação cientista / positivista que as tem ensombrado permanentemente, apesar das reais contestações críticas. Nesta década e meia do século XXI, um curioso movimento de *degelo epistemológico* destas ciências tem sido construído por um significativo número de autores francófonos, estabelecendo pontes com o pensamento orien-

² Houssaye, J., Soëtard, M., Hameline, D. & Fabre, M. (2004). *Manifesto a favor dos pedagogos*. Porto

Alegre: Artmed Editora.

tal, assim como introduzindo a noção de espiritualidade laica e educativa³. O número 64-65 da *Revue internationale en Sciences de l'éducation et de la formation*, editado em 2013 é um dos exemplos mais interessantes deste movimento⁴. Estes esforços para descongelar as ciências da educação parecem cruzar-se com as ideias expostas nos anos 50 do século passado por Heidegger, num longo seminário sobre o *pensamento calculante* e o *pensamento meditante*, no decorrer do qual, o filósofo expôs os resultados da sua investigação ontológica, segundo os quais, o *pensamento calculante* não pode dar acesso a essas coisas reais, mas incomensuráveis, tais como as ocorrem na dinâmica da relação humana. Em consequência, o *pensamento calculante*, esse fundamento das ciências, não se adequa às profissões do humano, ficando prisioneiro do *inimaginável dogmatismo* das ciências que lidam com representações e preconceitos irrefletidos. Seguindo o pensamento de Heidegger, só o *pensamento meditante* serve as profissões do humano⁵. Por extensão, o *pensamento calculante* não se adequa à

compreensão das relações interpessoais, e por essa razão não é apropriado para refletir sobre a relação pedagógica.

Outro grave desencontro entre os estudos desenvolvidos no âmbito das ciências da educação, da psicopedagogia e da pedagogia reside na tendência *aplicacionista* dos conhecimentos teóricos às situações educativas práticas. Noutros termos, o movimento teórico-prático sugerido por aquelas ciências não convém (leia-se, contraria) ao movimento prático-teórico que caracteriza a pedagogia.

Há cerca de cinquenta anos, no último quartel do século XVIII, Pestalozzi, o fundador do pensamento pedagógico moderno, deparou-se com as discrepâncias entre a descrição feita por Rousseau sobre a educação de Emile⁶, essa criança produzida pela sua imaginação, e as crianças que Pestalozzi educava, essas crianças concretas, tangíveis, que existiam de facto, oriundas do campesinato miserável e ignaro da Suíça de então, crianças que ele descreveu como “habitadas à hipocrisia [...] desconfiadas, insensíveis e rudes”⁷. Por essa razão, enquanto

³ Barbier, R. (2014). Sciences de l'éducation : le dégel épistémologique ? *Le Journal des Chercheurs*, 28 de Março.

Fonte html : <http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/spip.php?article1816>

⁴ P. Galvani & A. Moisan (Eds.) (2013). Pratiques spirituelles, autoformation et interculturalité. *Revue internationale en Sciences de l'éducation et de la formation*, nº 64-65.

Fonte PDF : <http://llearning.free-h.net/A-GRAF/Textes/PFA%2064-65%20Pratiques%20spirituelles.%20autoformation%20et%20interculturalité.pdf>

⁵ Heidegger, M. (2001). Seminários de Zollikon. Petrópolis: Editora Vozes.

⁶ Rousseau, J.J. (s. d.). Émile ou de l'éducation, tome premier et deuxième. Paris: Edition et Librairie Henri Béziat.

⁷ Pestalozzi, J. (1995) Lettre sur Stans. In M. Soetard. *Pestalozzi*. Paris: P.U.F.

Rousseau glorificava a bondade natural das crianças, Pestalozzi sabia que essa idealização panegírica que Rousseau fazia da infância não correspondia à realidade das crianças cuja educação estava a seu cargo.

Nessa mesma época, este problema de desfasamento da teoria e da prática foi detalhadamente estudado por Kant, num texto em que o filósofo fazia incidir a sua reflexão sobre a moral em geral e sobre o direito político. Kant⁸ analisava a expressão, já então corrente, enunciando-a nos seguintes termos: “Isto pode ser correto na teoria, mas nada vale na prática”.

É precisamente este pensamento que ocorre a inúmeros docentes que, ao defrontarem-se com situações práticas da sua intervenção pedagógica quotidiana, raramente encontram alguma inspiração teórica proveniente daquelas ciências que lhes permita organizar uma reflexão prático-teórica necessária para reconstruírem o sentido das suas ações. Ou seja, frequentemente, os conhecimentos provenientes quer das ciências da educação, quer da psicopedagogia, constituem constructos

estéreis, e, nas situações mais extremas, podem tornar-se um obstáculo para o desenvolvimento do pensamento pedagógico.

Na verdade, nenhuma posição de cariz científico pode elucidar de forma efetiva a intervenção pedagógica: sempre incerta, frágil e contraditória, constrangida pela dupla exigência dos motivos para a liberdade e para a obediência⁹. Vive numa permanente tensão entre o gesto que domestica e o gesto que liberta, mas é através dela que, por vezes, hesitantemente, se pode salvar um pouco de humanidade¹⁰, através dessa intervenção que apela à *humanidade humana*, e que, na contemporaneidade, se situa já longe das Essências, residindo no próprio centro da atividade humana¹¹.

Na última década do século XX e ao longo dos primeiros anos do século XXI, têm sido diversos os esforços para enunciar as condições de validação de um espaço delimitado para a pedagogia, assim como para definir as possibilidades de construção teórica no seu interior¹², esforços em prol da reabilitação da pedagogia que uniram quatro au-

⁸ Kant, I. (1793 / 1992.) *Sobre a expressão corrente: Isto pode ser correcto na teoria, mas nada vale na prática*. LusoFia Press.

Fonte PDF: http://www.lusosofia.net/textos/kant_immanuel_correcto_na_teorias.pdf

⁹ Pestalozzi, J. (1995). Journal sur l'éducation de Jakob. In M. Soëtard. *Pestalozzi*. Paris: P.U.F 1995)

¹⁰ Meirieu, P. (1995). *La pédagogie entre le dire et le faire*. Paris : ESF.

¹¹ Soëtard, M. (2001). *Qu'est-ce que la pédagogie ?* Paris : ESF.

¹² Hameline, D. (1997). Penser la pédagogie est un luxe sans aucun désespoir de cause. *In*

tores de renome para produzirem um *Manifesto a favor dos pedagogos*¹³.

Após estas breves considerações relativamente à orientação pedagógica deste número da Medi@ções, é agora possível apresentar os quatro artigos que o integram. Todos eles têm uma orientação prático-teórica e emergem quer da prática pedagógica dos sete autores educadores cooperantes de creche e de jardim-de-infância, quer da prática docente de duas formadoras da ESE as quais, tal como o editorialista, acompanham estágios nos locais em que os autores educadores cooperantes exercem as suas funções. Estas circunstâncias justificam o título deste número temático.

**

O primeiro artigo, de Teresa de Matos e Francisco Paixão, educadores cooperantes, é um texto narrativo *a duas vozes* que descreve a experiência vivida quer por Francisco Paixão (ex-estudante da ESE), quer por Teresa de Matos (especialista em educação de infância da ESE), que cruzaram as suas reflexões sobre o género e a profissão de educador de infância. Trata-se de um texto típico do discurso pedagógico,

marcado pela característica central de qualquer discurso desta índole, ou seja, adota o estilo de uma *poética menor*¹⁴ com certos laivos épicos, pela qual, Francisco Paixão, através de metáforas e analogias, resiste aos que tendem a diabolizar a sua função enquanto homem-educador que desenvolve a sua intervenção pedagógica na valência de creche. Teresa de Matos é a voz feminina cúmplice que serve de testemunho e de apoio à resistência quer do seu colega, quer de um estudante seu estagiário em creche durante o findo ano letivo. Cumplicidade antiga, fundada na relação estabelecida entre ambos, quando Teresa de Matos acompanhou o estágio de Francisco Paixão, durante a sua formação inicial.

O segundo artigo é da autoria de três educadoras cooperantes Cláudia Matos, Lina Vicente e Rita Alves, e ainda de uma docente da ESE, Sofia Figueira, que foi ex-cooperante de creche durante doze anos, e que acompanha estágios desde há quinze anos. O texto expõe, quer a convicção no trabalho colaborativo nas equipas pedagógicas e na equipa educativa da instituição, quer as vicissitudes e aspetos favoráveis e desfavoráveis do trabalho em equipa enquanto comunidades de

Revue Française de Pédagogie, n° 120, julho – agosto – setembro.

<http://ife.ens-lyon.fr/publications/edition-electronique/revue-francaise-de-pedagogie/RF120.pdf>

¹³ Houssaye, J., Soetard, M., Hameline, D. & Fabre, M. (2004). *Manifesto a favor dos pedagogos*. Porto

Alegre: Artmed Editora.

¹⁴ Meirieu, P. (1995). *La pédagogie entre le dire et le faire*. Paris : ESF.

práticas: aquela que é constituída pelas educadoras da instituição (equipa educativa) e as equipas pedagógicas que são formadas pelas educadoras e auxiliares de cada uma das três salas. Neste texto transparece a ética da convicção, mas também a ética da finitude, os sentimentos de incompleição, essa angústia que pode ser paralisante ou criativa a que todos os profissionais do humano estão expostos. Essa angústia, que permite organizar a necessária *deceção construtiva*¹⁵.

O terceiro artigo, da autoria das educadoras cooperantes de longa data Ana Carrilho e Carla Alves, é uma narrativa que descreve um trabalho de projeto desenvolvido segundo as orientações pedagógicas do Movimento da Escola Moderna. O tema sugerido e desenvolvido pelas crianças com uma notável autonomia é o da sexualidade, em que a curiosidade inicial sobre o modo como nascem os bebés, conduz as crianças a expandirem as suas investigações sobre o modo como são feitos os bebés. Esta deriva propiciou a expressão das teorias sexuais infantis que são analisadas à luz dos ensinamentos de Freud sobre estas teorias infantis.

O quarto e último artigo é da autoria de Angela Lemos, que assume

conjuntamente com o editor a coordenação do Mestrado em Educação Pré-Escolar e que foi estudante do antigo curso de formação de educadores de infância da ESE. Este texto tem ainda as marcas da produção de circunstância académica de onde emerge, i.e., decorre de uma tese de doutoramento recentemente concluída. O interesse do artigo reside sobretudo no facto de ter surgido de uma das vertentes da prática docente da autora, mais exatamente, surgiu das suas funções de acompanhante de estágios, ou seja, partiu de uma experiência de observação intensiva e de análise sistemática de um tema muito original, a saber, a documentação e a divulgação dos saberes construídos no jardim-de-infância. Para além da originalidade do tema, um aspeto que confere especial interesse ao artigo está relacionado com o modo como a autora valoriza a produção e a voz das crianças, assim como a perspetiva sistémica com que o tema foi explorado.

Espera-se que este número da Medi@ções contribua para o desenvolvimento da comunidade de práticas de formação de educadores de infância da Escola Superior de Educação de Setúbal e que possa também

¹⁵ Pereira, F. (1990). *Hiperadaptação ou decepção construtiva: juventude e trabalho*. Conferência não publicada proferida na Escola Superior de Educação de Setúbal.

ser útil para o acompanhamento dos projetos de investigação-ação desenvolvidos pelos estagiários ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Por outro lado, também se espera que este número contribua para a afirmação da pedagogia enquanto saber autónomo, caracterizado por um estilo literário que se diferencia dos textos que habitualmente se produzem no seio da cultura académica.

Por fim, queremos expressar o nosso agradecimento aos colegas que participaram no processo de revisão dos artigos: Ana Francisca Moura, Ana Luísa Pires, Angela Lemos, António Vasconcelos, Catarina Tomás, Luciano Pereira e Luís Souta.

Setúbal, 24 de Julho de 2015

Nota Biográfica

Augusto Pinheiro é Licenciado, Mestre e Doutor em Psicologia. É Professor Adjunto e coordenador do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.